

Pontifícia Universidade Católica  
PUC-SP

Ana Paula Nogueira Couceiro

Santos-SP além das praias:  
Santos-SP e seus “santos” canonizados pelo coração do povo

Especialização em Ciências da Religião

São Paulo  
2018

Ana Paula Nogueira Couceiro

Santos além das praias:

Santos e seus “santos” canonizados pelo coração do povo

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Especialista em Ciências da Religião à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Professora Doutora Maria Ângela Vilhena.

Pontifícia Universidade Católica

São Paulo -2018

## ***Agradecimentos***

A todos os professores de curso de Especialização em Ciências da Religião; em especial, à Professora Maria Ângela Vilhena, por toda sua dedicação para comigo e para com o progresso dos estudos das Ciências da Religião;

a minha mãe, Maria Amorim Nogueira Couceiro, a minha filha, Cecília Couceiro Leite, ao amigo, Anderson de Almeida Costa, e à yalorixá, Priscila Monteiro, pelo incentivo sempre;

às amigas Sheila Dantas, Rosangela Casagrande e Andreia Kelly, que me informaram sobre a existência do curso de Ciências da Religião na PUC-SP;

Muito obrigada.

## Sumário

Introdução	1
1- Pesquisa de campo em “campos santos”	7
1.1 Cemitério do Paquetá	7
1.2 Cemitério da Filosofia	9
1.3 Cemitério da Areia Branca	14
2- Nos cemitérios, presença viva dos “acordados”	17
2.1 Origens da palavra “cemitério”	17
2.2 Acordados no “dormitório”	17
2.3 Entre narrativas orais e suas repercussões nos meios de comunicação	22
3- Considerações Finais	30
Anexos	32
Bibliografia impressa	39
Sites consultados	40

## ***Santos-SP além das praias:***

### ***Santos-SP e seus “santos” canonizados pelo coração do povo***

#### Introdução

Este trabalho de conclusão do curso de Especialização em Ciências da Religião tem como tema o culto dos mortos, em especial, aqueles aos quais são atribuídos qualidades e propriedades milagrosas.

Dada a amplitude da temática far-se-ão necessários recortes. Em primeiro lugar, este culto será restrito àquele que acontece em cemitérios onde estão sepultados os corpos de pessoas tidas como propiciadoras de graças e favores a quem a elas recorrem. Essas práticas estão inseridas no multiforme contexto de crenças que pressupõe relações entre vivos e mortos. A grosso modo, quando entre pedidos, preces e oferendas feitas pelos vivos a mortos considerados propícios e benfazejos são entendidos pelos suplicantes como sendo acolhidos e retribuídos por aqueles. É comum que esses fatos sejam relatados e publicizados de tal sorte que outras pessoas os tenham como verídicos e a eles recorram quando julgarem necessários. Desta maneira, não raramente, aumentando o círculo de pessoas que recorrem e julgam receber os favores pedidos, instala-se a convicção da obtenção de milagres e graças, tal como acontece com os santos canonizados pela Igreja Católica.

Enquanto o processo de canonização pela Igreja Católica implica para além de reconhecidos milagres comprovados por especialistas, entre os quais se incluem profissionais da área das Ciências Médicas, são convocados historiadores e teólogos, aos quais cabe apresentar provas de vida virtuosa e exemplar, conforme os preceitos e doutrina cristã católica. Trata-se de um processo longo, demorado, que implica passos lentos e difíceis que açambarcam a proclamação oficial que determinada postulação de santidade percorra momentos em que a Igreja reconhece que determinada pessoa a quem se postula santidade seja considerada “venerável”, “beata”, “santa”, podendo então ser cultuada por toda a Igreja Católica.

Já para os chamados “santos populares”, esses requisitos são dispensáveis, seu culto acontece às margens da Igreja Oficial. Integram eles o amplo, plural, multifacetado e heteróclito espectro da chamada “religiosidade popular” ou “religião do povo”.

Em segundo lugar, é preciso ressaltar que a pesquisa a ser feita terá como local de observação e análise o culto aos mortos que acontecem nos cemitérios municipais da cidade de Santos, a saber: do Paquetá, da Filosofia e da Areia Branca.

O Cemitério do Paquetá é o mais antigo, fundado em 1854, localiza-se na rua Dr. Cochrane, s/n, no bairro de mesmo nome, em zona portuária. No século XIX, muitas famílias importantes da região moravam nesse ponto da cidade, no século XX surgiram muitos bares, boates e lojas de souvenirs devido ao progresso do porto. Por esses motivos, as famílias desejavam ostentar suas riquezas e o Cemitério do Paquetá é considerado uma fonte de conhecimento do patrimônio histórico, arquitetônico e cultural de Santos. Nele estão enterradas algumas personalidades relevantes de cunho local e nacional, como o médico e poeta Martins Fontes, o pintor Benedito Calixto e o ex-governador de São Paulo Mário Covas. Lá também está sepultado João Gomensoro Wandenkolk, marinheiro e combatente da Guerra do Paraguai. É considerado pelo povo “santo-menino” e milagreiro, o que pode ser constatado por balas e pirulitos deixados às segundas feiras, dia da semana dedicado às almas, pelos devotos.

O Cemitério da Filosofia, popularmente conhecido como Cemitério do Saboó, foi inaugurado em 1892, localiza-se na praça Rui Lugo Vina, s/n, no sopé do Morro do Saboó. Muitas de suas campas são mais simples do que as encontradas no campo santo mencionado anteriormente, mas também refletem a história do município, como os mausoléus dedicados aos atletas e aos maçons santistas. Maria Féa e as meninas Jandaia Souza Marques, Nayla Mazzitelli de Almeida e Tamires Paulino Antônio de Matos são as “santas” populares do local. A primeira, conforme versão local, vítima do famoso Crime da Mala, em 1928, é uma das mais cultuadas na região, em seu túmulo, encontram-se muitos ex-votos, entre eles, vestidos de noiva, que são doados para a Igreja Nossa Senhora de Fátima, situadas nas proximidades, consertados por voluntários e doados a famílias carentes, dado que serve como uma “ponte” entre a credence popular e o Catolicismo oficial. A menina Nayla faleceu aos dois anos na década de 90 e sua família fundou, em sua homenagem, a Associação Beneficente “Amor à vida”, que segue a doutrina kardecista e a creche “Nayla Mazzitelli de Almeida”, ambas em São Vicente-SP. A iniciativa da família e a devoção do povo traçam um ponto de encontro entre o Kardecismo e o Catolicismo “popular”.

Em 1953, é fundado o Cemitério da Areia Branca, situado na avenida Nossa Senhora de Fátima, s/n, do bairro de mesmo nome. Nele, três crianças são largamente cultuadas:

Condília Maria Rosa dos Santos, falecida em 1968, Dulcineia de Souza, sepultada em 1971 e Onofre Gonçalves, em 1956. A respeito desse último, vale lembrar que, mesmo com a data de falecimento e morte em seu túmulo, há controvérsias a respeito da existência de um corpo ali enterrado.

Ainda sobre os “santos” dos cemitérios santistas, pode-se dizer então que são canonizados pelo coração do povo uma vez que a troca entre pedidos, preces, oferendas e as identificadas graças e favores recebidos é permeada pela afetividade, gratidão, confiança, esperança, entrega e fé que são características da religião popular.

A pesquisa teórica envolve abordagens multidisciplinares. Neste sentido foram consultados trabalhos de historiadores como, Maria Aparecida Junqueira Veiga Gaeta, em seu artigo ““Santos” que não são santos: estudo sobre a religiosidade brasileira”, publicado na revista *Mimesis*, em 1999; Tônia Fuzihara Piccoli, Solange Ramos de Andrade e Vanda Fortuna Serafim, da Universidade Estadual do Paraná, com seu artigo intitulado “Almas santas do cemitério”, publicado nos anais da XVIII Semana de História, VI Fórum de pós-graduação em História e I Fórum de Licenciatura em História, realizado entre 7 e 9 de setembro de 2012; Irene Jurkevis, através de sua tese *Os santos da Igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*, apresentada na Universidade Federal do Paraná, em 2004; Júlia Massucheti Tomasi, com sua tese *Santinhas do Itacorubi: História e memória das milagreiras do cemitério São Francisco de Assis/ Itacorubi, Florianópolis (1980-2016)*, defendida em 2017; Mary Campelo de Oliveira, orientada do Professor Doutor Lourival Andrade Júnior, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus de Caicó-RN, com seu artigo “A construção do espaço sagrado no cemitério Campus Jorge na cidade de Caicó/RN: a invenção de um milagreiro de cemitério”, publicado nos anais do IV Colóquio Nacional de História cultural e sensibilidades, realizado em Caicó entre 17 e 21 de novembro de 2014. Foram utilizadas as seguintes obras: *As figuras do sagrado*, publicada pela Claroenigma em 2012, da filósofa e antropóloga Maria Lúcia Montes; *Interfaces do Sagrado: catolicismo popular: o imaginário religioso nas devoções marginais*, do teólogo, sociólogo e cientista da religião, José Carlos Pereira, publicada pela Editora Satuário, em 2011 e *Salvação Solidária – o culto às almas à luz da teologia das religiões*, da teóloga e cientista da religião Maria Ângela Vilhena, publicada pela Paulinas em 2012, bem como sites e jornais diversos. Além de uma obra proveniente de liderança religiosa, como por exemplo *Orixás, caboclos e guias: deuses e demônios?*, de Edir Macedo, publicada em 2017 pela Unipro Editora.

Há três motivos para meu trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), são eles: as instigantes e interessantes aulas de Temas Transversais, ministradas pela Professora Doutora Maria Ângela Vilhena, ao tratar das manifestações religiosas populares, dentre elas, o culto ao menino Antoninho da Rocha Marmo no Cemitério da Consolação em São Paulo – SP; a leitura da obra *Interfaces do Sagrado: catolicismo popular: O imaginário religioso nas devoções marginais*, de José Carlos Pereira, em que há um ranking de algumas devoções nos cemitérios brasileiros, e o amor a Santos, minha cidade natal e onde resido até o momento.

A pesquisa a respeito da devoção popular, ou seja, o culto aos “santinhos canonizados pelo coração do povo” nos cemitérios em Santos é importante porque, até o momento, desconhecem-se artigos, dissertações e teses na área de Ciências da Religião. A cidade é conhecida por possuir o maior jardim à beira mar do mundo, segundo o *Guinness Book*, com 5 km de extensão, o maior porto do Brasil, com 15.960 metros em extensão e área útil total de 7,8 milhões de metros quadrados, e pelo Santos Futebol Clube, time bi-campeão mundial e onde Edson Arantes do Nascimento, Pelé, fez fama como jogador de futebol.

Por outro lado, no município, há outros aspectos que poderiam ser explorados por pesquisadores, como por exemplo, seus “santinhos de cemitério”, cuja devoção atravessa gerações, sobrevivendo ao desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, com a transmissão de missas e cultos diariamente pela televisão, ao advento da INTERNET, trazendo uma religiosidade virtual, e à disputa no campo religioso brasileiro, principalmente, com o crescimento das igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais na Baixada Santista.

São oito os “santinhos” canonizados pelo coração do povo que serão abordados na pesquisa: João Gomensoro Wandenkolk, encontrado no Cemitério do Paquetá; a italiana Maria Mercedes Fea e as meninas Nayla Mazzitelli de Almeida, Tamires Paulino Antônio de Matos e Jandaia Souza Marques, sepultadas no Cemitério da Filosofia; e as três crianças do Cemitério da Areia Branca, Condília Maria Rosa dos Santos, Dulcineia de Souza Lelia e Onofre Gonçalves.

As aulas da Professora Doutora Maria Ângela Vilhena foram bastante elucidativas e convincentes para a escolha do tema.

O primeiro fator que chama a atenção é a definição de “Santos de cemitério” e de

“Milagreiros de cemitério”. Para que esse problema fosse solucionado, optou-se por seguir a definição proposta por Solange Ramos de Andrade e Vanda Fortuna Serafim no artigo “A Religiosidade Católica e seus santos: O cemitério de Maringá – PR como espaço de devoção (2010)”.

Nesse sentido, Santos de cemitério são santos – não reconhecidos oficialmente pela Igreja Católica – que cultuados no local onde estão enterrados originam uma verdadeira peregrinação rumo a esses sepulcros, fazendo da sepultura um verdadeiro altar dedicado ao santo lá enterrado. (ANDRADE e SERAFIM, 2010)

Ao observar o artigo “A construção do espaço sagrado no Cemitério Campos Jorge na cidade de Caicó-RN: a invenção de um milagreiro de cemitério”, publicado nos anais eletrônicos do IV Colóquio Nacional História Cultural e Sensibilidades (UFRN 17 a 21 de novembro de 2014), da Mestranda Mary Campelo de Oliveira pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, encontra-se, baseada nos trabalhos do Professor Doutor Lourival Andrade Júnior, uma definição para o termo *Milagreiro de cemitério*.

Quanto ao Milagreiro de Cemitério é um conceito dado, a um morto que passa a operar milagres segundo a crença de seus devotos. Como ele não é canonizado pela oficialidade, não tem uma igreja para ser adorado, o túmulo torna-se o local de adoração ao milagreiro. Dessa maneira, a sua sepultura torna-se um espaço onde o devoto mantém uma ligação com o mundo do sagrado, fazendo seus pedidos e tendo como resultado o milagre alcançado. (ANDRADE JR., 2008). (Apud)

Outro obstáculo foi a falta de cuidado na preservação dos cemitérios do município. Foram encontrados túmulos descobertos, sujos e abandonados; além disso, falta policiamento; e por esse motivo, optou-se por fazer as pesquisas mais aprofundadas nos locais em 02 de novembro, Dia de Finados, data de bastante movimentação, pois muitos desejam prestar homenagens a seus entes queridos ali enterrados, além de solicitar e agradecer aos “santinhos”, objeto de nossa pesquisa. Vale lembrar que, baseando-se no trabalho de Eduardo Coelho Morgado Rezende, a Doutora em História Julia Massucheti Tomasi, em sua tese, explica a origem da movimentação dos cemitérios no Dia de Finados.

Retomando ao medievo e ao controle da Igreja e a cristianização segundo Michel Vovelle 86, foi instaurado ainda neste período, entre os anos de 1024 e 1033, durante a ordem de

Cluny, a celebração do dia 02 de novembro como comemoração dos mortos. Nesta data, conhecida inicialmente como dia de todos os mortos, eram realizadas orações pelas benditas almas do purgatório. Apenas no século XIX que tal celebração foi intitulada “Dia de Finados”, ritual que caracteriza-se pela visitação aos cemitérios, sendo bastante comemorado no Ocidente Católico, como observa-se no Brasil. (TOMASI, 2017, p. 58)

A participação dos devotos foi imprescindível para que a pesquisa se concretizasse. De acordo com orientações da professora Doutora Maria Ângela Vilhena, a abordagem deveria ser de uma forma sensível, sem imposições ou qualquer gesto que intimidasse qualquer indivíduo. Alguns não quiseram participar da entrevista, o que foi respeitado. Outros, no entanto, ficavam felizes em receber a pesquisadora e chamavam outras pessoas para auxiliar no trabalho, o que tornava a entrevista descontraída e amistosa, sem desrespeitar o momento de encontro para o de solicitação ou de agradecimento ao “santo”. O instante de maior tensão foi quando um obreiro da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) afirmou em voz alta que o que tudo que estava sendo feito por devotos e pesquisadora estava errado, uma vez que não constava na *Bíblia*; fato este que desencadeou desentendimentos na administração do “sagrado”.

Os objetivos são os seguintes:

- 1- Recuperar as narrativas biográficas construídas pelo imaginário popular.
- 2- Verificar como estas narrativas são reproduzidas pela imprensa.
- 3- Identificar o perfil dos devotos, bem como suas motivações para o culto aos santos de cemitério.

Dada a complexidade da temática escolhida e sua inserção no âmbito das Ciências da Religião, este trabalho coaduna pesquisa teórica e pesquisa de campo.

O primeiro passo foi estudar obras referentes à religiosidade popular no Brasil, e, em particular sobre devoções nas quais faz parte a dinâmica das relações entre vivos e mortos considerados milagreiros com ênfase, aos ditos “santos”, identificados em cemitérios. Estudou-se também a literatura recente sobre o heteróclito e multifacetado campo religioso brasileiro com seus trânsitos e múltiplas pertenças.

A seguir procedeu-se a leitura em sites e livros a respeito da biografia dos “santinhos” canonizados pelo povo nos cemitérios de Santos. Após essa etapa, decidiu-se fazer uma pesquisa de campo envolvendo os indivíduos que cultuam os “santinhos” de cemitério.

Outro cuidado prévio foi conhecer métodos e técnicas de pesquisa de campo. Esse último procedimento foi observado também dos estudos da professora Maria Ângela Vilhena ao tratar da devoção na Capela Nossa Senhora dos Aflitos e na Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados.

Para conhecer-se o perfil dos devotos, foram elaboradas dez questões: sexo, renda familiar, escolaridade, cidade de residência, como o devoto soube do “santinho”, frequência no cemitério, história do santo, motivo da visita ao campo santo e crença religiosa. Não houve uma base bibliográfica para a elaboração das perguntas, porém todas foram feitas de acordo com a aprovação da Orientadora Professora Doutora Maria Ângela Vilhena. O dia escolhido para essa tarefa foi 02 de novembro de 2017, uma data importante para católicos e praticantes de outras religiões, pois comemora-se o Dia de Finados. Vale lembrar que a Orientadora não estipulou um número de pesquisados, porém, de acordo com suas sugestões, cada entrevista deveria ser elucidativa e relevante para o campo de Ciências da Religião. Foram entrevistados trinta e dois devotos, divididos em seis no cemitério do Paquetá; doze, na Filosofia e catorze, na Areia Branca, as entrevistas iniciaram-se às 8h e terminaram às 16h, com um intervalo de uma hora para o almoço.

Analisando-se essa segunda tarefa, percebemos diferenças entre biografias oficiais e narrativas populares. Além disso, constatou-se o movimentado trânsito religioso brasileiro na busca por interesses pessoais de forma mais rápida e eficiente.

## **1) *Relatos de Pesquisa de campo em “campos santos”***

### **1.1) *Cemitério do Paquetá***

Por ser o primeiro cemitério a ser inaugurado, as primeiras entrevistas foram feitas no Cemitério do Paquetá, com os devotos de João Gommensoro Wandenkolk. Essa etapa, em especial, foi muito gratificante, pois houve grande troca de experiências e tópicos estudados no curso de Especialização em Ciências da Religião foram constatados na prática, como, por exemplo, a dupla pertença religiosa, sem qualquer empecilho para o devoto.

Dentre os seis devotos entrevistados, cinco eram mulheres e um homem; a faixa etária variou entre 49 e 88 anos; todos afirmaram ter renda familiar inferior a 5000 reais; uma é alfabetizada, três possuem o Ensino Fundamental completo, um, o Ensino Médio e três terminaram o Ensino Superior. Cinco residem em Santos e uma, em São Vicente; três devotos conheceram o “santinho” por tradição familiar, um deles afirmou que o “milagreiro”

“desce” no terreiro onde frequenta na linha dos marinheiros; três relataram que viram o local repleto de balas e apaixonaram-se e uma comentou que, ao saber que Wandenkolk lutou na Guerra do Paraguai, percebeu afinidades, pois a sua família é paraguaia e um de seus tios, Francisco Manuel Valdez, foi combatente na Guerra do Chaco.

Todos desconhecem a biografia oficial de Wandenkolk; no entanto afirmam que é um “marinheiro-menino” muitíssimo eficiente. Um deles recomenda, pois, ao saber que a pesquisadora é aluna da PUC-SP, revelou que é um “santinho” excelente para a abertura de caminhos e, ao fazer suas solicitações, seu filho conseguiu o cargo de professor no curso de Engenharia Ambiental, na PUC-PR. Tendo em vista que os devotos desconhecem a biografia de Wandenkolk e tampouco acham importante conhecê-la, nossa atenção foi despertada a buscá-la uma vez que há referência a ela no livro comemorativo *Capitania dos Portos de São Paulo – 170 anos 1847-2017 – Brasil*, de José Carlos Silves, e, no jornal *A Tribuna*, de 12 de junho de 1955 a inauguração do mausoléu. O acesso a esses meios de comunicação social vem de encontro a nossos objetivos quais sejam compagnar as narrativas e crenças populares com os meios de comunicação social.

Outros dois afirmaram que são devotos de Santa Filomena, Santa Edwirges, Nossa Senhora Desatadora dos Nós e Santo Expedito; porém, como o “martir” é hierarquicamente inferior, ou seja, está mais “perto” dos humanos, uma vez que não foi canonizado pelo catolicismo oficial, pode responder de forma mais rápida aos apelos dos necessitados. Um afirmou que, por ver tantas guloseimas, confiou no “marinheiro-menino”, e, por essa razão, tem fé; além disso, já alcançou algumas graças, como a cura de doenças e bom êxito a respeito de ganhos relacionados a questões judiciais.

Para a devoção aos “santinhos de cemitério”, não há um ritual a ser seguido e nem um livro sagrado em que regras são estipuladas; assim o “altar” é uma sepultura, onde devotos de diferentes religiões se encontram. Dois de nossos entrevistados declaram-se católicos e kardecistas concomitantemente, quatro são católicos, uma afirmou pertencer a Igreja Católica do Brasil e uma é umbandista.

Vale lembrar que não há placas de agradecimentos no túmulo de Wandenkolk, porém, no Dia de Finados e em outras datas em menor número, são deixadas velas e guloseimas no local, o que confirma a eficácia de seus atributos, favorecendo a divulgação de seus “poderes” e a continuidade da tradição do culto a esse “milagreiro de cemitério”.



## **1.2)Cemitério da Filosofia**

Por volta das 11h40, iniciou-se a pesquisa no Cemitério da Filosofia. As “milagreiras” dessa localidade são Jandaia Souza Marques, Nayla Mazitelli de Almeida, Tamires Paulino Antônio de Matos e Maria Mercedes Fea. As três primeiras faleceram ainda na infância e estão sepultadas no jazigo 14, lugar onde a maioria dos túmulos pertence às crianças, os chamados anjos. O mausoléu de Maria Fea situa-se do outro lado do cemitério, na quadra 6; e por esse motivo, decidiu-se separar os devotos em dois grupos, os dos anjos e os da “protetora” do Santos Futebol Clube, embora todos cultuem os quatro e fazem uma pequena peregrinação dentro do mesmo campo santo.

No Cemitério da Filosofia, foram entrevistados doze devotos, seis nas proximidades do jazigo 14 e os demais na quadra 6. Havia homens, mulheres e crianças fazendo orações para as meninas “milagreiras”; no entanto, as moças e senhoras se dispuseram a auxiliar a pesquisadora. A faixa etária delas variou entre 33 e 70 anos, todas com renda familiar abaixo de 5000 reais mensais. Com exceção de uma que mora em São Vicente, as demais residem em Santos; aquela que possui maior grau de escolaridade ainda não terminou o Ensino Superior; enquanto isso, a que passou menos tempo nos bancos escolares, completou o quinto ano do Ensino Fundamental.

A frequência que vão ao cemitério é baixa e o motivo para isso é a violência que o Brasil passa na atualidade, porém todas vêm pedir e agradecer, pois são “anjinhos” do bem. Apenas uma afirmou lembrar parcialmente da história da menina Nayla e relatou que recordava da campanha feita pela televisão para angariar fundos para que a mesma fizesse um transplante de medula óssea, as demais desconheciam a biografia oficial das “santinhas”; mas, por outro lado, reconhecem que são “boas” para alcançar um bom

emprego, para cura de doenças da carne e do espírito e para tranquilizar a convivência familiar dentro de casa.

Das entrevistadas, quatro declararam ser católicas, uma afirmou que embora seja católica, frequenta a Mahi-Kari, que segundo ela, não é uma religião, mas uma filosofia japonesa, o que não é confirmado pelo site da editora Cleófas.

[...] A Arte Mahikari é uma corrente religiosa de trinta anos de idade. Oriunda do Japão por efeito das “revelações” feitas a Sukuinushi-Sama entre 1959 e 1967. [...] (cleofas.com.br/arte-mahikari/)

Outra revelou que mesmo frequentando a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), visita o túmulo de sua mãe e reza pela menina Jandaia, pois soube pela vizinhança da eficácia da “santinha”. Vale mencionar que o procedimento da devota vai de encontro à ideologia proposta pela IURD.

Os exus, os pretos-velhos, os espíritos de crianças, os caboclos ou os “santos” são espíritos malignos sem corpos, ansiando por acharem um meio para se expressarem neste mundo, não podendo fazê-lo antes de possuírem alguém. (MACEDO, 2017, p. 23)

Em 02 de novembro de 2017, as campas das “milagreiras” estavam repletas de guloseimas, flores, velas brancas, cor de rosa e azuis, e muitos devotos choravam diante das sepulturas das “anjinhas”. Ao redor, no túmulo de outras crianças, havia balas e pirulitos e, segundo os entrevistados, os docinhos foram dados para que as demais não passem vontade e também porque não podem ser esquecidas. Como exemplo, abaixo está a foto das sepulturas da menina Nayla à esquerda e da menina Jandaia à direita:



Abaixo, observa-se o cuidado com a campa da menina Tamires:



A seguir está uma foto de campa de criança ao lado do mausoléu de Maria Féa. Uma das entrevistadas relatou que, penalizada por não ter ao menos uma placa, depositou balinhas, pois, afinal, não deixa de ser um “anjinho”.



Sobre esse tipo de costume, salienta-se que foi encontrado no artigo “Os mortos estão vivos: traços da religiosidade brasileira” de Maria Ângela Vilhena.

A pesquisa prosseguiu-se com a entrevista dos devotos de Maria Mercedes Féa. Dos seis entrevistados, quatro são mulheres e dois homens; o mais novo tem 23 anos e a mais velha 71; a escolaridade varia desde o Ensino Fundamental incompleto até superior completo. Cinco residem em Santos e uma em São Vicente e todos possuem uma renda mensal familiar de aproximadamente 5000 reais. Todos conhecem a história dessa “santinha”, uma vez que já foi personagem do famoso “Crime da mala”, com grande repercussão na década de 20. Além disso, segundo a zeladora da campa, turistas do mundo todo visitam a sepultura, em especial, italianos e argentinos, já que a “milagreira” nasceu na Itália e sua família residia na Argentina. Além disso, há outros fatores que merecem ser citados, fotos do assassinato encontram-se no Museu do Crime em São Paulo-SP e sua história já foi exibida no programa Linha Direta Justiça, na TV Tribuna, filial da TV Globo na Baixada Santista e Vale do Ribeira, em 02 de julho de 2005, com narração do jornalista Domingos Meirelles. Em se tratando de devoção popular e mortes trágicas, é possível citar a pesquisa de Vilhena:

Cristián Parker, a partir de suas observações junto a uma comunidade de Santiago do Chile afirma que a crença popular no poder mediador da `alma` daqueles que morreram tragicamente é tão forte que ultrapassa das barreiras institucionais, políticas e sociais. (VILHENA, 2003, p. 108)

Maria Mercedes Féa, até o momento, não foi canonizada pelo Vaticano, mas é a “santa” do coração dos devotos, como mostrado no ex-voto:



Quatro devotos declararam-se católicas, comparando Maria Féa a Nossa Senhora Aparecida; um é candomblecista e intitulou-se Edimilson de Xangô Ayrá, cujo barracão localiza-se na cidade de Pariquera-Açu-SP; uma é budista, porém acende velas em agradecimento, pois sua mãe teve uma gravidez difícil e seu nome, Mercedes, foi dado em homenagem à “santinha”. Para os devotos, Maria Mercedes Féa é efficientíssima, pois auxilia na cura das doenças, na resolução dos problemas financeiros e na compra da casa própria. É considerada protetora dos universitários, em especial, aqueles que cursam Medicina e Odontologia, e dos torcedores do time do Santos Futebol Clube como atestam os ex-votos a seguir:





Durante o ano todo, o mausoléu de Maria Féa está repleto de ex-votos, como placas, casinhas, milheiros de santinhos com sua imagem e oração e vasos de flores. Percebe-se um diálogo amigável entre o catolicismo oficial e a devoção popular, pois roupas, sapatos e brinquedos são levados para a Igreja Nossa Senhora de Fátima, localizada na avenida Nossa Senhora de Fátima, 271, no mesmo bairro do cemitério, lá são reformados e doados a famílias carentes, segundo a zeladora do mausoléu.

Em 02 de junho de 2018, a pesquisadora retornou ao cemitério da Filosofia; e lá encontrou um novo ex-voto, confirmando que a devoção aos “santinhos” de cemitério permanece no coração popular.



### **1.3) Cemitério da Areia Branca**

Por volta das 15 horas, iniciou-se a pesquisa no Cemitério da Areia Branca. Nele são cultuados os seguintes santinhos: Condília Maria Rosa, Dulcineia Souza Lellia e Onofre Gonçalves, carinhosamente apelidados de “anjinhos” por seus devotos. As respectivas campas encontram-se na mesma “rua”. A sepultura da menina Condília está próxima ao

muro esquerdo de quem adentra no cemitério; a do menino Onofre está no meio, em frente à entrada, e a da menina Dulcineia, ao perto do muro direito. Devido à proximidade, considerou-se que os catorze entrevistados são devotos dos três “santinhos” e, além disso, nas entrevistas, o trio é entendido como os “anjinhos” que fazem o bem.

Dos entrevistados, onze são mulheres e três homens; a faixa etária varia entre 20 e 88 anos e a renda familiar é inferior a 5000 reais. Onze residem em Santos, dois em São Vicente e um em Cubatão; há devotos não alfabetizados e outros com curso superior completo. A maior parte comparece ao cemitério em ocasiões especiais, como Dia de Finados e Dia das mães; souberam da eficácia dos “milagreiros”, principalmente, pela propaganda boca a boca; além da tradição oral familiar e da exposição de ex-votos. A biografia não é algo tão importante para o devoto e, caso precisem ou a curiosidade seja aguçada, recorrem à internet. Segundo um deles, o importante é que o ser humano tenha fé em algo, como por exemplo, em uma pedra; pois o cotidiano é muito duro, difícil e impossível de ser vivido, sem uma “válvula de escape”. Ainda sobre esse aspecto, os “santinhos” são recomendados devido a sua eficiência e por servirem como intermediários entre homens e Jesus Cristo. Doze declararam-se católicos, uma afirmou também ser católica, porém prefere seguir sua própria religiosidade, sem regras impostas por qualquer religião e uma afirmou não pertencer a confissão religiosa alguma, mas acredita em Deus e nos “anjinhos”.

Durante as pesquisas, ocorreram fatos curiosos que deixaram os trabalhos mais instigantes. Uma devota, assim que terminou suas orações, afirmou que pediu a menina Condília para interceder junto aos funkeiros, pois compuseram músicas que afrontam o Islamismo e o profeta Mohamed. Após ser entrevistada e sabendo que se tratava de um trabalho para o curso de especialização em Ciências da Religião, solicitou à pesquisadora que explicasse alguns princípios do Islã aos compositores, uma vez que o *Alcorão* é sagrado e seus trechos não devem ser vinculados a músicas impróprias; além do mais teme pela vida tanto dos autores, quanto daqueles que entoam as canções.

O castigo para aqueles que lutam contra Allah e contra o Seu Mensageiro, e semeiam a corrupção na terra, é que sejam mortos, ou crucificados [...] Tal será, para eles, uma desonra neste mundo e, no outro, sofrerão um severo castigo,

Exceto aqueles que se arrependem, antes de caírem em vosso poder; sabeis que Allah é Indulgente, Misericordiosíssimo. (*Os Significados dos Versículos do Alcorão Sagrado*, 5. Surata, versículos 33 e 34, p. 115)

Até o momento, a pesquisadora desconhece quais são essas canções e seus respectivos compositores. No entanto, vale lembrar que há uma casa noturna, famosa na Baixada Santista, “Titanium Music Hall”, situada a duas quadras do cemitério, na Avenida Antônio Emerich, 1643 – São Vicente, onde há shows de Mc’s e cantores conhecidos na região e em outras localidades do Brasil e os autores estão em solo brasileiro, um país laico.

No bairro da Arreia Branca, há uma filial da IURD, localizada na Avenida Nossa Senhora de Fátima, 863, em frente ao campo santo. No Dia de Finados, foi erguida uma tenda dentro do Areia Branca, em seu corredor principal, cujos objetivos eram dar um amparo espiritual e transmitir fundamentos sobre a religião.

Esse novo protestantismo de massa ou “protestantismo de conversão”, trazia importantes inovações para o campo religioso, sob vários aspectos. Primeiro, no uso de instrumentos não convencionais de evangelização, centrados sobretudo na comunicação de massa por meio de rádio, tendas de lona itinerantes junto “as quais se agrupavam os adeptos potenciais para ouvir a nova mensagem evangélica, assim como nas concentrações em praças públicas, ginásios de esporte e estádio de futebol.” (MONTES, 2012, P. 69)

Em meio às entrevistas, um obreiro da IURD, identificado pelo logotipo da instituição em sua camisa, afirmava, em voz alta para os devotos da menina Condília e para a pesquisadora que o que faziam não estava correto, pois nada daquilo estava escrito na *Bíblia*, livro sagrado para todos os cristãos. No mesmo momento, exaltado, um dos devotos da “santinha” xinga com palavras de baixo calão o obreiro, exemplificando, na prática, uma “guerra” no campo religioso brasileiro.

Uma devota, no entanto, após responder o questionário e exaltar as qualidades dos três “milagreiros”, decidiu acompanhar o obreiro da IURD, talvez almejando um retorno mais imediato para suas súplicas ou a prosperidade a qual terá direito, uma vez convertida.

Assim entre a prosperidade a que o fiel terá direito desde a sua conversão e sua vida presente interpõem-se as forças do mal, na astúcia de suas mil faces, e é para combatê-las que o fiel trava incessantemente, em todas as frentes, a incansável “guerra espiritual”, que, ao lhe trazer a vitória, lhe permitirá gozar enfim da prosperidade que Deus já lhe concedeu. (Idem, p. 70)

Ainda no Areia Branca, percebe-se que, para um devoto, o Catolicismo Apostólico Romano não exclui o “catolicismo popular”, porque é possível cultuar Nossa Senhora Aparecida, ou fazer uma trezena a Santo Onofre e, paralelamente, pedir e agradecer aos três “anjinhos” para arrumar um bom emprego ou para aliviar a dor perante a morte de filhos prematura, uma vez que o tempo não espera e há outras crianças na família para serem alimentadas e educadas. Todos os santos oficiais, como os “oficiosos”, representados, também, às vezes, numa linguagem oriunda das religiões de matriz africana, estão voltados para o bem.



Em ordem, estão os túmulos de: Condília Maria Rosa, Onofre Gonçalves e Dulcineia Souza Lellia, os “anjinhos” do Areia Branca.

## **2) Nos cemitérios, presença viva dos “acordados”**

### **2.1) Origem da palavra**

Esta expressão “cemitério”, encontrada no latim tardio “coemiterium”, derivado do grego *kométêriom*, traz como significado “por ajazer”, “fazer deitar”, “lugar para dormir” relacionado à sepultura dos mortos e associado a dormitório, lugar de silêncio.

### **2.2) “Acordados” no dormitório**

Todavia, em nossas pesquisas, pudemos constatar que, a ver dos devotos, estão muito “acordados”, alguns em pé e caminhando e, outros, deitados. Isto porque, neste imaginário,

estão todos vivos em intensa comunicação e ação, pautadas por reverência e sacralidade, em meio a preces, pedidos, ações, oferendas e agradecimentos.

Para os devotos, os “santinhos de cemitério” são especiais, estão vivendo em outras dimensões mas atentos e propícios às necessidades de seus devotos vivos na Terra, por isso, a eles se pode recorrer e não àquelas almas apartadas da paz, ou seja, aflitas e penadas. Faz parte do imaginário popular que os cemitérios são áreas ambíguas onde estão presentes tanto as almas que já estão na luz, quanto aquelas que não alcançaram tal estágio.

Acredita-se, e ainda se acredita, que estes lugares têm a potencialidade de imantar, aglutinar almas sofredoras e aflitas por se encontrarem perdidas, desencaminhadas, sem luz – são as chamadas almas penadas. Tem-se como certo que muitas almas estão nessa situação porque seguem inconformadas com as violências que sofreram em vida e por ocasião de sua morte, ou porque morreram sem sacramentos ou, ainda, porque seus parentes e amigos delas se esqueceram e deixaram de cumprir os rituais necessários para seu descanso e iluminação.[...] Por isso, estes lugares são diferentes de todos os outros. Inspiram temor, reverência, cuidados, orações, cultos. (www.pucsp.br/rever/rv3\_2004/p\_vilhena.pdf)

Quanto ao pedido de ajuda por parte dos vivos, fomos informados que nada se pode pedir para as almas aflitas. Isso só faria aumentar suas aflições e até provocar revoltas. Elas devem ser poupadas de preocupações, já lhes bastam seus sofrimentos. Os pedidos, então, devem ser endereçados apenas às almas benditas e aos santos. (www.pucsp.br/rever/rv3\_2004/p\_vilhena.pdf)

Para o devoto, os mausoléus dos “santinhos” são lugares sagrados.

O fiel, diante desse espaço (túmulos), fixa ou instala parâmetros religiosos e, segundo Mircea Eliade, instalar-se num território equivale em instância, a consagrá-lo. (PEREIRA, 2011, p. 25)

A devoção marginal não necessita de um ritual pré-estabelecido, não há orações pré-fixadas. Mas, por outro lado, retrata costumes de um povo.

É uma estreita relação que se dá apenas entre o devoto e o santo, sem a participação de terceiros. (Idem, p. 22)

Sendo as almas entidades dotadas de vida própria, não são propriedade de ninguém, não estão sob o controle de nenhuma religião ou instituição. (www.pucsp.br/rever/rv3\_2004/p\_vilhena.pdf)

É no cemitério, ao observar-se o culto aos “santinhos” canonizados pelo coração do povo, que nota-se como a religiosidade brasileira é híbrida e a morte não é vista como o fim de um ser humano.

Para quase totalidade do povo brasileiro a morte biológica não equivale ao encerramento da existência do ser humano. Este, de alguma forma, sobrevive a ela. Para tal compreensão concorrem, em dinamicidade, contribuições oriundas das diversas nações indígenas, do Cristianismo e suas raízes judaicas, de antigas tradições do paganismo europeu, das tradições africanas, do Espiritismo. (www.pucsp.br/rever/rv3\_2004/p\_vilhena.pdf)

Em 02 de novembro de 2017, foram entrevistados trinta e dois devotos, escolhidos aleatoriamente. Vinte e seis eram mulheres, ou seja, 81,25% do total. Mulheres e homens procuram os “santos” para a realização de um milagre, para a solução de seus problemas. No entanto a presença feminina é superior; além disso, não é fato novo em relação à pesquisa sobre “santos de cemitério”, pois, em seu livro, *Interfaces do sagrado*, o mestre em Ciências da Religião e doutor em Sociologia, José Carlos Pereira afirma que as mulheres são as grandes frequentadoras dos “novos” lugares sagrados, como o cemitério, desde a antiguidade.

São elas as grandes frequentadoras dos cemitérios no dia dedicado aos defuntos e são também líderes na programação das devoções às almas, como também na frequência às missas celebradas nas segundas feiras, dia dedicado às almas. [...] Encontramos referências arquetípicas da presença da mulher diante dos túmulos em várias passagens bíblicas, a mais conhecida dentre elas é a de Maria Madalena, que chega primeiro ao túmulo de Jesus e não encontra o corpo (cf. Jô 20, 1-2) [...] Essas referências bíblicas ajudam a reforçar no imaginário feminino a presença histórica das mesmas nesses espaços miraculosos da morte, que são os túmulos, os cemitérios e seus derivados. (PEREIRA, 2011, p.p. 71-72)

O mesmo também ocorreu nas pesquisas de Vilhena:

A expressiva maioria dos devotos é composta por mulheres. Uma explicação plausível para o fato é que o cuidado com os mortos pode ser interpretado como extensão da tarefa feminina de proteger e cuidar da casa: filhos, pais idosos, parentes necessitados. ([www.pucsp.br/rever/rv3\\_2004/p\\_vilhena.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv3_2004/p_vilhena.pdf))

O cemitério é um local público onde frequentadores de diferentes idades são encontrados. Dentre os entrevistados 62,5% têm idade superior a 51 anos e o contingente de jovens, em especial, abaixo de 30 anos é muito pequeno. Idosos e jovens não se esquecem de um “contrato” simbólico firmado com o “santo” e percebe-se que os mais velhos ultrapassam obstáculos, como, por exemplo, temperatura elevada, problemas de locomoção, entre outros com a finalidade de que a aliança firmada não seja quebrada.

A relação entre devoto e “santinho de cemitério” é baseada na troca. Os ex-votos, velas, docinhos, brinquedos, entre outros, são elementos concretos que simbolizam esse relacionamento e a eficácia do “milagreiro”. Ao elaborar um estudo sobre o texto *Dom, contrato e troca* de Marcel Mauss sobre os sistemas de trocas simbólicas, Pereira tece a seguinte afirmação:

Há várias categorias de troca nessa relação virtual entre o imanente e o transcendente, mas os mais evidentes são os votos e os ex-votos, ou seja, a promessa e o pagamento da mesma, que tem diversas funções, e uma delas é estreitar os laços entre o fiel e o santo. (PEREIRA, 2011, p. 12)

Em todos os túmulos estudados foram encontrados ex-votos, como plaquinhas, velas, roupas, flores, comprovando a estreita relação entre fiel e “santinho”. Mesmo que o devoto troque de religião, tenha dupla pertença, ou mesmo ou mesmo não siga qualquer denominação, o “milagreiro”, a dívida e o contrato não são esquecidos.

Na relação da promessa entre o fiel e o santo, que se dá da maneira contratual, o fiel contrai uma dívida que deve ser quitada em tempo hábil, como qualquer outra dívida contraída entre pessoas ou grupos sociais. Se isso não ocorrer, o fiel perde sua credibilidade com o santo, além de ser punido pelo mesmo. (Idem, p. 13)

A promessa – o pacto ou contrato com o santo – possibilita gerar ligações imaginárias. A graça é recebida como Dom que a divindade concede ao fiel pela fidelidade ao pacto. Cria-se uma relação de dependência do santo, o que Mauss chama de ligação mágica. Apesar

do contrato estar no âmbito religioso, ele perpassa não só a dimensão religiosa, mas toda a vida social do fiel. É uma relação de poder que o santo confere sobre o fiel. (Idem, p. 15)

Uma fiel (3,12%), depois de suas orações à menina Condília e respondido à pesquisadora, persuadida pelas palavras, seguiu um obreiro da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Essa denominação religiosa montou uma tenda no corredor central do cemitério e um obreiro observava atentamente as manifestações de devoção à “santinha” durante todo o tempo em que a pesquisadora fazia suas entrevistas. Convém lembrar que a devota, antes de seguir os dizeres da IRUD, pediu ou cumpriu seu “dever” perante à “milagreira”, demonstrando o poder que a divindade possui mediante à oferta religiosa presente naquele momento. Thiago Rodrigues Tavares, em seu artigo “A religião vivida: Expressões populares de religiosidade”, publicado na revista *Sacrilegens*, revista dos alunos do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, tece a seguinte afirmação a respeito dos santos canonizados, baseada nos estudos de Alba Zaluar. Vale lembrar que o mesmo, constatou-se em relação àqueles do coração do povo.

O dom é ofertado principalmente por ocasião das promessas. Estas são um trato feito entre o devoto e o santo onde ambos têm a obrigação de pagar o que foi “acertado”. O devoto sob a pena de não ter descanso eterno e o santo sob a pena de sofrer represálias do devoto que nele confiou. ([www.ufjf.br/sacrilegens/files/2014/07/10-2-4pdf](http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2014/07/10-2-4pdf))

Dois dados importantes a serem mencionados são a renda familiar e a escolaridade dos devotos. Dentre os entrevistados, dois (6,25%) apresentam renda superior a 5.000 reais e nove (28,12%) afirmaram que possuem Ensino Superior completo. Assim, como salientado na obra de Pereira, constatou-se que o culto aos “santos de cemitério” é um hábito característico das camadas populares.

Marginal é aquele tipo de devoção que não necessita de estrutura eclesial para existir. [...] A devoção marginal é geralmente praticada por pessoas de classe baixa, também marginalizadas de alguma forma. (PEREIRA, 2011, p. 20)

Independente da escolaridade ou faixa salarial, em suas falas, o uso do sufixo –“inho” é utilizado para transmitir, além da ideia de diminutivo, afetividade, carinho, amor aos “anjinhos” ou “santinhos”, tudo de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, em narrativas nem sempre correspondente à biografia difundida por jornais e sites.

A devoção às almas seria, assim, uma espécie de abstração de tudo aquilo que escapa ao entendimento, mas não aos sentimentos. (Idem, pp. 90-91)

### **2.3) Entre narrativas orais e suas repercussões nos meios de comunicação**

As narrações coletadas mais próximas àquelas difundidas pela Internet e outros meios de comunicação referem-se à vida e à morte de Maria Mercedes Fea, personagem do famoso Crime da Mala, que comoveu a sociedade de Santos e de São Paulo na década de 20. Todos os “santinhos” são citados pela imprensa, mas vale mencionar que Maria Mercedes Fea, juntamente com o menino Onofre, são os mais lembrados por ela no Dia de Finados. Na data de nossa pesquisa de campo, repórteres do jornal *A Tribuna* entrevistaram a pesquisadora, a zeladora da campa, entre outros devotos, que se encontravam nas proximidades do mausoléu de Maria Fea. Vale lembrar que, na reportagem, com exceção de devotos encontrados no Cemitério da Filosofia, não há entrevistas com outros dos demais cemitérios da cidade.

A biografia dos demais “santinhos” está presente em alguns sites e jornais da região. Vale salientar que a história de Maria Mercedes Féa já foi exibida no programa *Linha Direta*, que, na ocasião, foi subtítuloado “Crime da mala”, no dia 02 de junho de 2005, transmitido pela TV Tribuna, afiliada da Rede Globo na Baixada Santista e no Vale do Ribeira. Mesmo com bases mais concretas, percebe-se que o imaginário popular nem sempre leva em consideração os dados passados por reportagens, pois o que prevalece é a criatividade individual ou aquela transmitida por gerações, podendo até mesmo a biografia oficial ser considerada um detalhe irrelevante pelos devotos.

Por outro lado, em relação aos demais “santinhos”, as narrativas em pouco ou nada se aproximam daquela difundida por livros e internet. As meninas, Jandaia, Nayla, Tamires, Condília e Dulcinéia, e o menino Onofre faleceram ainda na infância. A história de Nayla é conhecida, faleceu porque não conseguiu fazer um transplante de medula óssea, mesmo

com os esforços de sua família e da população para a arrecadação de fundos com a finalidade de que o transplante fosse feito no exterior. Condília, que previu sua própria morte, morava no bairro Vila São Jorge, nas proximidades do cemitério da Areia Branca. Em se tratando do Menino Onofre, há apenas especulações a respeito da causa de sua morte; no entanto, todas elas em decorrência da violência e falta de atendimento médico adequado, ou seja, formas que causam comoção nos vivos. Para o fiel, as narrativas difundidas em livros é algo secundário, o importante é que são “anjinhos”, fazem o bem e moram no coração daqueles que têm fé. Balas, flores, doces, brinquedos e pirulitos, objetos encontrados em festas de erês, confirmam a eficiência desses “santinhos” e traçam um paralelo entre as “devoções marginais” e práticas típicas de algumas religiões de matriz africana.

Deixar doces na sepultura ou outros tipos de alimentos é muito comum nessa categoria de devoção, principalmente, quando se trata de crianças. (Idem, p. 97)



O catolicismo está presente no Brasil desde a chegada dos primeiros portugueses, apresentando inicialmente duas formas distintas. A primeira é o catolicismo da elite portuguesa, detentora do poder monetário e político da colônia. Conhecido como catolicismo patriarcal, ele é marcado pela ligação de bispos e padres com a coroa portuguesa, em outras palavras, pela relação de troca entre Igreja e o Estado – regime do padroado. Desta forma a Igreja Católica tem o apoio do Estado, que vai sustentar economicamente o clero, as ordens religiosas e os conventos. Em contraponto, o governo português conseguiu manter em suas mãos a instituição do padroado e o controle efetivo da religião (Azzi, 1977). A segunda forma de catolicismo, conhecida como catolicismo popular tradicional, chega ao país através dos portugueses pobres e se estabelece principalmente nas zonas rurais. Vai ficar marcado pela sua porosidade, devido a relação entre os colonos pobres, os índios destribalizados, os escravos e todos os tipos de mestiços. ([www.ufjf.br/sacrilgens/files/2014/07/10-2-4pdf](http://www.ufjf.br/sacrilgens/files/2014/07/10-2-4pdf))

Outro dado observado foi a falta de referências biográficas de João Gomensoro Wandenkolk. Bibliografia e sites que abordam a Guerra do Paraguai são relativamente fáceis de serem encontrados, porém, a respeito desse “mártir”, apenas um livro, intitulado *Capitania dos Portos de São Paulo – 170 anos*, de José Carlos Silveira, publicado no final de 2017, apresenta um subcapítulo onde é feita a árvore genealógica de Gomensoro, com as patentes militares de outros integrantes de sua família.

João Gomensoro Wandenkolk lutou na Guerra do Paraguai e sua família foi influente no Segundo Reinado e no início da República, mas de acordo com o imaginário de cinco dos entrevistados é um “anjinho”, um marinheiro-menino que faz o bem, atende o pedido dos fiéis. A baixa escolaridade dos devotos e a não necessidade de uma comprovação histórica talvez favoreçam à criatividade do imaginário popular. Em contrapartida, os ex-votos deixados na sepultura confirmam a eficácia do “santinho” e servem como propaganda para novos fiéis desejosos de soluções para os problemas, pois graças foram alcançadas com seu “intermédio”.

Na visão dos devotos, a biografia difundida na imprensa é secundária, uma vez que o importante é seguir a tradição familiar, ou dos antigos que moravam ao entorno do cemitério. Além disso, o “marinheirinho” é milagreiro, pois auxilia na solução de problemas para os desempregados, e, na falta de atenção de santos canonizados pelo Vaticano, um mais simples, na categoria de Wandenkolk, atende com maior agilidade, e por fim, vive no coração do povo.

João Gomensoro Wandenkolk nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 25 de novembro de 1843, era filho da uruguaia Martinha Gomensoro e de José Eduardo Wandenkolk. O “santinho” pertencia a uma família de personalidades influentes na política nacional, seu avô era o Barão de Araguari, seu pai foi Capitão de Mar e Guerra no final do Segundo Reinado, e, seu tio, o Almirante Eduardo Wandenkolk, foi Ministro da Marinha da República entre 1889 e 1891. Como tenente, foi baleado na Guerra do Paraguai, na Batalha do Humaitá, falecendo três dias após o ocorrido, em 10 de março de 1868. Seu corpo foi trazido para Santos, pois seu pai, entre 29 de maio de 1860 a 13 de julho de 1878, exercia a função de Capitão do Porto da cidade.

Após seu falecimento, Wandenkolk mudou de patente militar, passando de Primeiro Tenente a Capitão Tenente. Seu corpo foi sepultado na Igreja Venerável Ordem Terceira

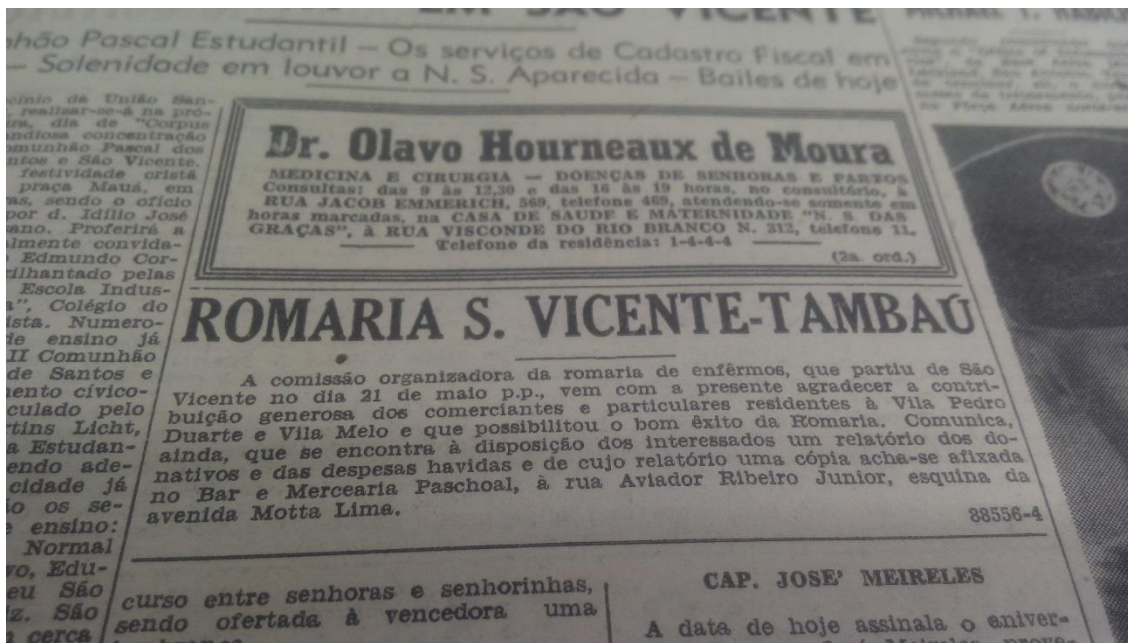
do Carmo, situada na praça Barão do Rio Branco, 16, no centro de Santos. Em 11 de julho de 1955, seus restos mortais foram transferidos para o Cemitério do Paquetá, com todas as formalidades e honras militares, com a presença de políticos, militares e membros do clero da região.

Em 1955 a Câmara decidiu dar uma sepultura digna a Wandenkolk. O ato foi realizado pelo bispo diocesano de Santos, D. Idílio José Soares, na presença do prefeito Antônio Feliciano, do capitão dos Portos, Capitão de Mar e Guerra Francisco Vicente Bulcão Viana, do presidente da Câmara, João Carlos de Azevedo e de outras autoridades. A Banda da Força Pública executou o Hino Nacional. (SILVARES, 2017, p. 35)

A Guerra do Paraguai foi um marco, pois o Brasil estava se constituindo como nação, assim era conveniente exaltar os feitos históricos da formação nacional. João Gomensoro Wandenkolk foi considerado herói e um dos salvadores da pátria, uma vez que sua família era influente nas instituições governamentais, e tomou notoriedade devido a uma morte precoce e violenta. Vale lembrar que essa causa trágica de morte caracteriza a história de outros tantos “santinhos de cemitério” espalhados pelo Brasil e de redentor, tal qual os santos canonizados pela Igreja Católica.

Herói como redentor do mundo: ou ele retorna como emissário dos deuses ou com a ideia de ele e Deus constituem um só ser. Um exemplo de herói redentor (segundo J. Campbell) pode ser encontrado em Jesus Cristo, que morreu na cruz para salvar o mundo e que, com Deus Pai e o Espírito Santo, forma uma unidade. (NASSER, 2006, p. 62)

Segundo o jornal *A Tribuna* de 12 de junho de 1955, a inauguração do Mausóleo de Wandenkolk foi um dos eventos que marcaram o aniversário da vitória do Brasil na Batalha do Riachuelo. Paralelamente a esse evento, nessa mesma data, nos cinemas da região, iniciava-se a exibição do filme *Rosas no Céu, Milagres na Terra – Tambaú*”, que narra a trajetória de padre Donizetti Tavares de Lima e seus milagres na cidade de Tambaú-SP. Além disso, nas edições anteriores de *A Tribuna*, foram publicados anúncios em que eram citados os lugares em São Vicente-SP, onde os balanços de donativos e arrecadação de dinheiro para excursões a essa cidade do interior paulistano eram afixados.



(A Tribuna, 06/06/1955)



(A Tribuna, 09/06/1955)

Até a presente data desconhece-se quando a devoção ao “Marinheiro Wandenkolk” iniciou-se, porém o culto a esse “santinho” passa de geração a geração. Umbandistas, kardecistas, católicos, entre outros adeptos de outras religiões, encontram-se no Paquetá para agradecimentos e pedidos. Em 02 de novembro de 2017, observamos que, no mausoléu, foram colocadas balas e velas brancas. A motivação para essa atitude foi, segundo as narrativas populares, por ser considerado um “santo menino”, protetor das crianças. Assim como na tradição das religiões de matriz africana, Wandenkolk é tratado como um “erê”,

pois no imaginário popular é uma criança aparentemente frágil, mas com poderes incríveis, capaz de auxiliar na obtenção de um bom emprego, na melhora na saúde, entre outros feitos “milagrosos”.



Em 04 de abril de 2018, data escolhida aleatoriamente, houve uma nova visita ao cemitério do Paquetá e lá foi encontrada uma lata de cerveja sobre o túmulo de Wandenkolk. Acredita-se que a bebida não foi deixada no lugar por acaso, porque é comum oferecer-se esse tipo de bebida aos guias marinhos na calunga pequena na Umbanda. Independente da data para as manifestações de apreço, ou ao modo como o “santinho” é entendido pelo devoto, criança ou adulto; as oferendas e os ex-votos reforçam sua eficácia e mantêm viva a tradição, mesmo com a disputa acirrada no campo religioso brasileiro.



Vinte e sete fiéis (84,3%) afirmaram que residem em Santos, quatro (12,5%), em São Vicente e um (3,12%), em Cubatão-SP, todas residentes na Baixada Santista. Assim, constatou-se que a devoção popular santista é regional, isto é, Santos possui seus “santos”, cultuados e amados pela população local. Vinte e dois devotos (71,8%) declararam-se católicos e outros cinco (15,62%) também seguem o Catolicismo, porém frequentam centros espíritas Kardecistas. Tal como nas pesquisas de Vilhena nos velários, nos cemitérios, encontraram-se devotos de diferentes denominações.

São lugares onde paira uma atmosfera de permanente sacralidade, que não é criada ou concedida pelos religiosos, mas pelo estatuto sagrado das almas ali presentes. [...] É em nome do direito das almas, maior que o direito da instituição, que candomblecistas, espíritas, umbandistas e católicos sentem-se plenamente legitimados perante sua fé, de praticarem seus cultos nos velários das igrejas católicas. ([www.pucsp.br/rever/rv3\\_2004/p\\_vilhena.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv3_2004/p_vilhena.pdf))

Nas entrevistas, dezessete devotos (53%) afirmaram que souberam da existência dos “santinhos” por vizinhos, amigos, funcionários dos cemitérios, entre outros; treze (70%) revelaram que conheceram por parentes; dois (6,25%), por ex-votos e um (3,12%) relatou

que o “santo” “baixa” no terreiro onde frequenta. Assim, percebe-se que, mesmo com o desenvolvimento dos meios de comunicação, a propaganda “boca a boca” ainda se faz presente na difusão dos benefícios que as “almas benfeitoras” são capazes de trazer. Em se tratando da biografia dos “santinhos”. Seis (18,75%) desconhecem, outros seis conhecem e 20 (62,5%) conhecem parcialmente. O conhecimento é algo secundário, uma vez que o importante é a afetividade e os milagres concretizados. Mais uma vez, foi encontrado um ponto de intersecção entre a devoção popular nos cemitérios santistas e as pesquisas de Vilhena.

Quando indagados sobre as origens de sua devoção, nossos informantes afirmam que aprenderam com suas mães, avós, tias e amigos. Trata-se, portanto, de um culto de origem laica, caseira, informal, vivenciado, testemunhado, comunicado e aprendido no âmbito decisório das relações afetivo-familiares. ([www.pucsp.br/rever/rv3\\_2004/p\\_vilhena.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv3_2004/p_vilhena.pdf))

A Igreja Católica Apostólica Romana possui seus santos, devidamente, canonizados pelo Vaticano, assim, é possível levantar a seguinte questão: por que o devoto recorre aos “santinhos” de cemitério? Percebeu-se, a partir das entrevistas, que são seres mais acessíveis do que Nossa Senhora Desatadora dos Nós, Santa Filomena ou Santo Onofre, entre outros, e, assim como os santos canonizados pelo Vaticano, são intermediários entre fiel e Deus. Vale mencionar que essa reflexão corresponde às citações de Pereira ao analisar o livro *Os Deuses, os Mortos, o Sagrado, a Substituição Sacrificial*, de René Girard.

No catolicismo popular não há ausência de Deus, propriamente dita, mas ele é visto como algo distante e, muitas vezes, inacessível, o que carece de mediadores mais convencionais, como já citamos, são os santos, mas há outras categorias de mediadores muito comuns no catolicismo popular, que são as almas dos mortos, [...] As almas têm a função de interceder junto a Deus pelo pedido do fiel. (PEREIRA, 2011, p. 123)

Analisar o culto aos “santos” dos cemitérios santistas é um exercício para o conhecimento dos costumes e peculiaridades da população de Santos e outras cidades vizinhas. Mesmo com o desenvolvimento urbano, com o advento da internet, com a abundância de possibilidades no campo religioso brasileiro, os “santinhos” resistem, pois “atendem” aqueles que os chamam.

O culto às almas afirma a imortalidade do indivíduo. Na situação da morte física são preservadas características humanas como inteligência, vontade, memória, necessidade, desejo, comunicabilidade, possibilidade de desenvolvimento processual, ação. Também é preservada a identidade pessoal, uma vez que todos conservam seus nomes – quando chamados, respondem e vêm ao encontro de quem os chamou. Além de que, permanecem as histórias da vida, da idiossincrasias pessoais, os traços de caráter individual. Ao mesmo tempo, o culto às almas afirma a imortalidade da sociedade. Sociedade formada pelos mortos entre si e destes com os vivos. ([www.pucsp.br/rever/rv3\\_2004/p\\_vilhena.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv3_2004/p_vilhena.pdf))

### ***Considerações finais***

Ao término desta monografia, vale destacar dificuldades e ganhos relativos tanto a possibilidade de ampliação de conhecimentos pertinentes a pesquisas e teorias anteriores que embasaram meu trabalho. Outro ganho diz respeito a minha primeira experiência em pesquisas de campo que possibilitará futuras pesquisas etnográficas que pretendo realizar em novos trabalhos, então mais aprofundados.

Entre as dificuldades encontradas, destaco o descaso com a conservação dos cemitérios, a violência e falta de policiamento nestes locais o que conforme os devotos implicam na diminuição da frequência por eles desejada. Outra dificuldade diz respeito a minha formação acadêmica anterior. Com efeito, vim de outra área do conhecimento, Letras-Português, na qual realizei meu bacharelado, licenciatura e mestrado na USP (Universidade de São Paulo).

É conveniente ressaltar-se a comparação entre a biografia oficial, retratada pela imprensa e por livros, e a narrativa contada pelos devotos. As histórias comentadas por alguns devotos são, por eles, fundamentadas em fatos reais, mesmo que para a pesquisadora sejam frutos puros de imaginação e criatividade até porque tratam-se, às vezes, de narrativas que se repetem em outros locais com maior ou menor coincidência de conteúdos e detalhes. O que importa, de fato, é a eficiência do “santinho”, o que se percebe por vários ex-votos, velas, brinquedos, balas e demais oferendas expostas nos seus túmulos.

Também constata-se, nesta pesquisa de campo, o trânsito religioso, a dupla pertença e a diversidade no campo religioso brasileiro. Muitos entrevistados afirmaram pertencer a diversas religiões, como o Candomblé, à Umbanda, ao Kardecismo, ao Budismo, ao

Catolicismo e, até mesmo, à Universal do Reino de Deus. Se em suas denominações de origem, não encontram soluções para seus problemas, procuraram outra saída, como por exemplo, uma devota do marinheiro Wandenkolk ao afirmar que se Santa Filomena não dá “jeito”, solicita a outro de uma “hierarquia” inferior, pois, talvez, por sua simplicidade, tenha mais fácil acesso a Deus. Se estão satisfeitos, a tradição não é esquecida, como uma entrevistada ao dizer que é budista praticante, mas todo ano comparece ao cemitério para agradecer a Maria Fea, pois se não fosse por seu intermédio ao atender sua mãe durante a gravidez de risco, não teria nem nascido. Uma única devota, ao conhecer os benefícios que a IURD proporciona, após rezar e acender velas para Menina Condília, decidiu seguir um obreiro, que encontrava-se próximo ao local, divulgando a doutrina da Universal. Percebe-se que não importa a denominação religiosa, nem o “santinho” canonizado pelo povo, o relevante é a crença em algo que faça o bem, que atenda aos anseios de todos.

Os objetivos propostos foram alcançados. Este trabalho de conclusão de curso proporcionou à futura especialista em Ciências da Religião muito aprendizado pessoal em relação à localidade onde nasceu e reside até o momento, pois, percebe-se, a partir das entrevistas, a carência da população por mais investimentos nas áreas da educação, da saúde e da segurança pública, sem desprezar a necessidade da abertura de mais vagas de emprego na Baixada Santista.

Além disso, ainda mais, a curiosidade foi despertada para uma nova pesquisa a respeito da comparação entre o estilo de vida dos devotos entre duas ou mais cidades do estado de São Paulo; entre as narrativas populares, uma vez que, há semelhanças entre a história biográficas dos “santos” de cemitério presentes nas diferentes localidades e se o culto a esses “santinhos” está caindo em desuso na proporção que a igreja católica também perde fiéis.

# Cemitérios da região recebem mais de 77 mil visitantes

Orações e homenagens a amigos e entes queridos, que já se foram, marcaram o Dia de Finados

## **ROGÉRIO STONOGA**

02/11/2017 - 11:30 - Atualizado em 02/11/2017 - 18:18 A Tribuna.com.br

No Dia de Finados, estima-se que 77 mil pessoas estiveram nos cemitérios da região em um ritual que teve momentos religiosos e de reflexão. Em Santos, foram pouco mais de 45 mil visitantes no Paquetá, Filosofia (Saboó), Areia Branca e Memorial.

Nos três primeiros, além de visitarem as campas de familiares ou de amigos, muitos aproveitaram para prestar devoções. Isso aconteceu, principalmente, no Filosofia, que abriga a Capela onde está enterrada Maria Mercedes Fea, e Areia Branca, com os túmulos dos “anjinhos” Onofre, Jandaia, Condília e Yvone. As “crianças milagrosas”, segundo a crendice popular.

“Eles são o que eu chamo de santos no coração dos devotos. Não foram canonizados pela Igreja, mas viraram motivo de devoção para muitas pessoas”, comentou a professora, mestra em Língua Portuguesa e pesquisadora de Ciências da Religião, Ana Paula Nogueira Couceiro. Ela esteve nos cemitérios santistas coletando informações dos devotos.



Cemitério do Paquetá						
Tenente João Gomensoro Wandenkolk						
	Devoto 1	Devoto 2	Devoto 3	Devoto 4	Devoto 5	Devoto 6
<b>Sexo</b>	F	M	F	F	F	F
<b>Idade</b>	78	76	60 - 70	49	88	77
<b>Renda Familiar (R\$)</b>	- 5.000	- 5.000	± 5.000	- 5.000	- 5.000	- 5.000
<b>Escolaridade</b>	E.F. (Completo)	E.M. (Completo)	Superior Completo	E.F. (Completo)	Superior Completo	Superior Completo
<b>Cidade de Residência</b>	Santos	Santos	Santos	Santos	Santos	Santos
<b>Como soube do Santinho?</b>	Tradição Oral/ Familiar	Tradição Familiar	Desce no terreiro	Pelos Coveiros	Tradição oral	Tradição oral
<b>Frequência no Cemitério</b>	Sempre	Uma vez por mês	Três vezes por ano	Toda segunda-feira	Dia de Finados	Uma vez por ano
<b>História do Santo</b>	Desconhece	Santo das Crianças	Desconhece	O Santo é Criança e Marinheiro	Desconhece	Desconhece
<b>Motivo da Visita</b>	Agradecimento/ Solicitação	Agradecimento/ Abertura de Caminho	Agradecimento	Ver o Santo/ Agradecimento	Ver familiares falecidos	Por ser Finados
<b>Crença Religiosa</b>	Católica	Católica/ Kardecista	Umbandista	Católica/ Kardecista	Católica Brasileira	Católica

Cemitério da Filosofia					
Jandaia Souza Marques/ Nayla Mazzitelli de Almeida/ Tamires Paulino Antônio de Matos					
	Devoto 1	Devoto 2	Devoto 3	Devoto 4	Devoto 5
<b>Sexo</b>	F	F	F	F	F
<b>Idade</b>	66	45	70	33	50
<b>Renda Familiar (R\$)</b>	- 5.000	- 5.000	- 5.000	- 5.000	- 5.000
<b>Escolaridade</b>	E.F. (Completo)	E.M. (Completo)	E.F. (Incompleto)	E.M. (Completo)	E.F. (Completo)
<b>Cidade de Residência</b>	São Vicente	Santos	Santos	Santos	Santos
<b>Como soube do Santinho?</b>	Tradição familiar	Pelos ex-votos	Uma pessoa disse para ir em nome de Deus	Pela vizinhança	Em velórios
<b>Frequência no Cemitério</b>	Dia de Finados	Uma vez por ano	Duas vezes por mês	Uma vez por ano	Vai em enterros
<b>História dos Santos</b>	Desconhece	São crianças	São crianças	São crianças	São crianças que fazem milagres
<b>Motivo da Visita</b>	Saudade dos entes queridos/ Agradecimento	Agradecimento	Agradecimento/ Pedido	Visitar entes queridos/ fazer orações	Agradecimento/ Solicitações
<b>Crença Religiosa</b>	Católica	Católica/ Kardecista	Católica	IURD	Católica

Cemitério da Filosofia						
Maria Mercedes Fea						
	Devoto 1	Devoto 2	Devoto 3	Devoto 4	Devoto 5	Devoto 6
<b>Sexo</b>	M	F	M	F	F	F
<b>Idade</b>	69	48	53	51	23	71
<b>Renda Familiar (R\$)</b>	± 5.000 -	5.000 -	5.000 -	5.000 -	5.000 -	5.000 -
<b>Escolaridade</b>	Superior	E.M. (Completo)	E.M. (Completo)	E.M. (Completo)	E.M. (Técnico)	E.F. (Completo)
<b>Cidade de Residência</b>	Santos	Santos	Santos	Santos	São Vicente	Santos
<b>Como soube do Santinho?</b>	Tradição Oral	Tradição Familiar	Tradição Familiar	Tradição Oral	Tradição Familiar	Tradição Oral
<b>Frequência no Cemitério</b>	Duas vezes por mês	Zeladora de campa	Sempre	Em algumas segundas-feiras	Primeira vez	Quase toda semana
<b>História da Santa</b>	Personagem do "Crime da mala"	Personagem do "Crime da mala"	Personagem do "Crime da mala"	Personagem do "Crime da mala"	Personagem do "Crime da mala"	Personagem do "Crime da mala"
<b>Motivo da Visita</b>	Agradecimento	A serviço/Agradecimento	Agradecimento	Agradecimento/Solicitação	Agradecimento	Agradecimento/Pedidos
<b>Crença Religiosa</b>	Católica	Católica	Candomblecista	Católica	Budista	Católica

Cemitério da Areia Branca						
Condíflia Maria Rosa						
	Devoto 1	Devoto 2	Devoto 3	Devoto 4	Devoto 5	Devoto 6
Sexo	F	F	F	M	F	F
Idade	61	57	20	54	50	88
Renda Familiar	-R\$ 5.000,00	-R\$ 5.000,00	-R\$ 5.000,00	-R\$ 5.000,00	-R\$ 5.000,00	-R\$ 5.000,00
Escolaridade	E.F. (Completo)	E.F. (Completo)	Superior Completo	E.M. (Completo)	E.M. (Completo)	Não Alfabetizada
Cidade de Residência	Santos	São Vicente	Santos	São Vicente	Santos	Santos
Como soube do santinho?	Tradição Oral	Tradição Oral/TV	Tradição Familiar	Tradição Familiar	Pelos Ex-votos	Tradição Oral
Frequência no Cemitério	Datas Comemorativas	Dia de Finados	Datas Comemorativas	Datas Comemorativas	Uma vez por ano	Datas Comemorativas
História do Santo	Anjinho Milagreiro	Anjinho Milagreiro	Desconhece	Anjinho Milagreiro	Anjinho Milagreiro	Anjinho Milagreiro
Motivo da Visita	Solicitação	Solicitação/ Agradecim	Dia de Finados	Solicitação	Solicitação	Agradecimento
Crença Religiosa	Católica	Católica	Sem Religião	Católica	Católica	Católica

Dulcineia de Souza Lellia Onofre Gonçalves												
	Devoto 7	Devoto 8	Devoto 9	Devoto 10	Devoto 11	Devoto 12	Devoto 13					
#VALOR!												
Sexo	F	F	M	F	F	F	F					F
Idade	77	40	55	46	64	52	58					
Renda Familiar (RS)	-R\$ 5.000,00	-R\$ 5.000,00	-R\$ 5.000,00	-R\$ 5.000,00	-R\$ 5.000,00	-R\$ 5.000,00	-R\$ 5.000,00					
Escolaridade	Alfabetizada	Superior Completo	E.F. (Completo)	Superior Completo	Alfabetizada	E.M. (Completo)	E.F. (Completo)					
Cidade de Residência	Santos	Santos	Santos	Cubatão	Santos	Santos	Santos					
Como soube do Santinho?	Tradição Oral	Tradição Oral e Jornais Escritos	Tradição Oral	Tradição Familiar	Tradição Oral	Tradição Familiar	Tradição Familiar					
Frequência no Cemitério	3 em 3 meses	Enterros e Dia de Finados	Sempre que pode	Enterro e Dia de Finados	Enterro e Dia de Finados	Uma vez por ano	Dia de Finados					
História do Santo	Anjinho Milagreiro	Abandonada pelos pais e enterrada no quintal	Anjinho Milagreiro	Anjinho Milagreiro	Anjinho Bom e Milagreiro	Anjinho Milagreiro	Anjinho Milagreiro					
Motivo da Visita	Solicitação pelos filhos falecidos	Agradecimento/ Pedido/ Saudação	Agradecimento/ Solicitação	Agradecimento	Agradecimento	Agradecimento/ Pedido	Solicitação					
Crença Religiosa	Católica	Católica	Católica	Católica	Católica não praticante	Católica	Católica					

### **Bibliografia impressa**

ANDRADE, Solange Ramos. "O culto aos santos: a religiosidade católica e seu hibridismo". ANPUH, Ano III, n. 7, Mai.2010.

*A Tribuna*. 06/06/1955.

\_\_\_\_\_ 09/06/1955.

\_\_\_\_\_ 03/11/2017.

GAETA, Maria Aparecida J. V.. "'Santos' que não são santos, estudos sobre a religiosidade popular brasileira". *Mimeses*, Bauru, v. 20, n. 1, p. 57-76,1999.

JURKEVICS, Vera Irene. *Os santos da igreja e os santos do povo: devoções e manifestações da religiosidade popular*. Tese de Doutorado, Curitiba, 2004.

MACEDO, Bispo Edir. *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?*. Rio de Janeiro, Unipro, 2016.

MONTES, Maria Lucia. *As figuras do sagrado: entre o público e o privado na religiosidade brasileira*. São Paulo, Claro Enigma, 2012.

NASSER, Maria Celina Cabrera. *O uso de símbolos: sugestões para a sala de aula*. São Paulo, Paulinas, 2006.

*Os Significados dos Versículos do Alcorão Sagrado* (tradução Professor Samir El Hayek). São Paulo, Federação Muçulmana do Brasil, s/d.

OLIVEIRA, Mary Campelo de. "A construção do espaço sagrado no cemitério Campos Jorge na cidade de Caicó/RN: a invenção de um milagreiro de cemitério". *Colóquio Nacional Cultural e sensibilidades. Caderno de resumo do IV Colóquio "História Cultural e sensibilidade", 17 a 21 de novembro de 2014, Caicó. RN/ Comitê organizador: Hélder Alexandre Medeiros de Macedo*. Caicó: UFRN/ Grupo de Pesquisa História, Cultura e Poder, 2015.

PASSOS, J.D., USARSKI, f. (ORG.). *Compêndio de Ciências da Religião*. São Paulo, Paulinas, 2013.

PEREIRA, José Carlos. *Interfaces do Sagrado: catolicismo popular: o imaginário religioso nas devoções marginais*. Aparecida, Santuário, 2011.

SILVARES, José Carlos. *Capitania dos Portos de São Paulo – 170 anos*, 2017.

TOMASI, Julia Massucheti. *“Santinhas do Itacorubi”*: História e memória das milagreiras do cemitério São Francisco de Assis/Itacorubi Florianópolis (1980-2016). Tese de Doutorado, Florianópolis, 2017.

VILHENA, Maria Ângela. *Salvação solidária: o culto às almas à luz da teologia das religiões*. São Paulo, Paulinas, 2012.

### **Sites consultados**

[amoravida.org.br/quem\\_somos.asp](http://amoravida.org.br/quem_somos.asp) (acesso setembro/2018)

[cleofas.com.br/a-arte-mahikari/](http://cleofas.com.br/a-arte-mahikari/) (acesso junho/2018)

<http://www.atribuna.com.br/noticias/noticias-detalle/cidades/cemiterios-de-santos-devem-reunir-mais-de-30-mil-visitantes/?cHash=068302dd605be0a787229886b10461f6>

<https://santoturismo.wordpress.com/2012/08/08/cemiterio-do-paqueta/> (acesso junho/2018)

[paixaoassassina.blogspot.com/2013/02/0-crime-da-mala-1928.html](http://paixaoassassina.blogspot.com/2013/02/0-crime-da-mala-1928.html) (acesso junho/2018)

[www.cidadeecultura.com/a-historia-de-maria-mercedes-fea/](http://www.cidadeecultura.com/a-historia-de-maria-mercedes-fea/) (acesso junho/2018)

[www.indev.com.br/semana/trabalhos/2012/41.pdf](http://www.indev.com.br/semana/trabalhos/2012/41.pdf) (acesso junho/2018)

[www.novomilenio.inf.br/santos/h0204b.html](http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0204b.html) (acesso novembro/2017)

[www.pucsp.br/rever/rv3\\_2004/p\\_vilhena.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv3_2004/p_vilhena.pdf) (acesso julho/2018)

[www.saopauloantiga.com.br/crime-da-mala/](http://www.saopauloantiga.com.br/crime-da-mala/) (acesso junho/2018)

[www.ufjf.br/sacrilegens/files/2014/07/10-2-4pdf](http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2014/07/10-2-4pdf) (acesso abril/2018)